

VERTIGEM

Copyright © Luiz Coelho Medina, 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610,
de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados,
sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M443v

Medina, Luiz Coelho, 1955-
Vertigem: mergulho em poesias / Luiz Coelho Medina. - 1. ed. - Rio de
Janeiro: Letra Capital, 2024.
146 p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-85-7785-928-3

1. Poesia brasileira. I. Título.

24-87896

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Luiz Coelho Medina

VERTIGEM
Mergulho em poesias

LETRCAPITAL

Porque a vida é um
desmoronamento constante...

L.C.M.

Apresentação

LUIZ COELHO MEDINA, tem seis anos, mas frequenta hoje o corpo de um senhor que beira os setenta. Este senhor lhe dá guarida e lhe fornece algumas experiências e nas trocas de ideias, ambos saem ganhando, pois nesses compartilhamentos, surgem palavras que eles aglutinam em forma de textos e poemas. Nenhum dos dois é livre, ambos sofrem com as vertigens do tempo e quando conversam, acabam sempre tomando decisões erradas e são essas decisões que se transformam em poesia. Um vê o outro como se fosse um só, mas são dois e às vezes mais. No dia que em que se separarem, já combinaram que pelo menos um deles vai morar nas páginas dos livros que ambos escreveram, porém, antes um vai ao céu e o outro vai ao inferno e acordaram que onde houver música, mulheres e poesia, eles frequentarão, porque também descobriram que é no prazer, que mora a eternidade.

Por Luiz Medina.

Vertigem

Quando palavras
caem de mim,
sinto vertigem.
letras suicidam
em poesias
e depois
ressuscitam
silêncios.

Acordes

Músicas
Acordam
Saudades.

A fada e a foda

Era uma vez
uma fada.
Mal fadada,
que se sentia escrava
e mal amada,
mas gozava
adoidado...
E quando
dançava um fado,
sentiu que seu fardo
não era pesado,
se comparado
a uma foda
mal dada.
E viveu feliz
para sempre
com seu princípio
encantado...

Aguadouro

Só sabia chorar
internamente,
como um rio que para o mar
seguia contra a correnteza,
sem desaguar,
nadava contra a tristeza.
Afundou nas lágrimas do aguadouro
e afogou-se com o próprio choro.

Altos e baixos

Já nem sei
Em qual gaveta do mundo
O meu poema guardei
(se falo a verdade ou minto),
Mas acho que o deixei
Perdido bem lá no fundo,
Nos altos e baixos do meu labirinto.

Alucinação

(“Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina” – Manoel de Barros)

Há drogas
no teu dizer,
com certeza.
Fico tonto
em ouvir
teu murmúrio.
Tens pó na linguagem
mas não dó de mim,
que queimo em silêncio,
feito brasa,
sem fumaça
em cada trago
teu.

Amor hackeado

Amar-te-ei
via Instagram.
Até quando, não sei.
Talvez até amanhã.
Por ti até darei suspiros,
depois, desligarei:
Tu podes ser um spam
de um celular roubado,
ou quem sabe até um vírus.
– Meu amor é hackeado.

A ordem das palavras

Quando jovem,
imaginei,
que seria um
senhor poeta.
Hoje vejo
que sou apenas
um poeta senhor.